



O papa de todas as fés

» Entrevista | **PAULO CEZAR COSTA** | CARDEAL ARCEBISPO DE BRASÍLIA

“Francisco olhou para as periferias humanas”

Para o cardeal, que conheceu Francisco no início de seu pontificado, o papa levou para o Vaticano o jeito latino-americano de ser

» ISABELA STANGA

A morte do papa Francisco abre um novo capítulo na história católica. O pontífice será lembrado pelo diálogo, que chamava de “cultura de encontro”, e por ser uma pessoa de fácil relacionamento, segundo o cardeal Paulo Cezar Costa, Arcebispo de Brasília. Em entrevista ao *Podcast do Correio*, conduzido pelas jornalistas Denise Rothenburg e Mariana Niederauer, o sacerdote relembrou seus encontros com Francisco, além de falar das suas expectativas na escolha de um novo líder. Confira alguns trechos da entrevista:

Que legado o papa Francisco deixa?

Um grande legado de diálogo. Era o que ele chamava de construção da cultura do encontro, por meio da qual o diálogo deveria resolver os problemas da humanidade, sejam os grandes ou os pequenos problemas. Nós vivemos em um mundo hoje com muitas guerras, fala-se de mais de 25 conflitos armados. Papa Francisco foi um dos homens que deu voz a esses sofrimentos. Ele não só falava dos grandes conflitos, por exemplo, entre Rússia e Ucrânia, mas também lembrava dos outros. Assim, ele mostrava os sofrimentos que existem no mundo. O papa ainda colocou no centro de seu papado a questão ecológica. Ele escreveu, inclusive, a encíclica *Laudato Si (Louvado Seja)*, a partir do canto das criaturas de São Francisco, por meio da qual mostra a importância de se discutir o aquecimento global, a devastação do planeta e defende que a cultura global deve que ser de preservação, não de destruição. Francisco também escreveu outra encíclica chamada *Fratelli Tutti (Todos Irmãos)*, por meio da qual propõe uma sociedade de irmãos, de olhar para o outro e perceber que diante de você não está um inimigo mas,

Wanderlei Pozzembom CB/DA Press.



sim, um irmão, uma irmã. O papa Francisco foi um homem que olhou para as periferias humanas e para as periferias existenciais. Ele deixa um grande legado, seja para a humanidade, seja também para a vida da Igreja, apontando o caminho da evangelização e da missão.

Existe uma expectativa de que o próximo papado siga a mesma linha ou que vá por outro caminho?

O papado de Francisco foi uma continuidade na descontinuidade, com relação a Bento XVI e João Paulo II. Se nós olharmos os grandes papas depois do Concílio Vaticano II, todos estiveram preocupados com as grandes questões da humanidade em seu tempo, e o papa Francisco continuou essa tradição. Bento XVI também, uma vez que tinha discurso sobre a questão ecológica, sobre os grandes problemas que envolviam a vida da sociedade naquele tempo. Francisco continua essa



O papa Francisco falava que Jesus não exerceu o seu ministério de um escritório, mas no meio do povo. A igreja tem que levar o amor de Deus para as pessoas. Acho que a Igreja não pode abandonar esse caminho”

tradição. É claro que com o seu estilo próprio, então eu diria continuidade na descontinuidade. O papa Francisco aponta também para a igreja um caminho de maior simplicidade, uma igreja mais próxima do povo. Mas assim, se nós olharmos bem, é uma continuidade dos grandes papas ali do pós-concílio, que propuseram para a igreja a evangelização, a missão, a proximidade com o povo. Isso não vai mudar. Eu acho que quem vier tem que seguir esse caminho, não há outro meio. Qualquer líder precisa ter consciência da instituição que faz parte e das suas capacidades.

Quais foram suas experiências de contato com o papa Francisco?

Conheci o papa Francisco logo que ele foi eleito já que eu era um dos organizadores da Jornada Mundial da Juventude. Nós estávamos preparando a Jornada para Bento XVI, então fomos para ver se ele queria alguma coisa a mais. Foi um encontro muito agradável. Eu me lembro que éramos seis ou sete. Sempre no final da audiência pessoal, o papa dá um presente, uns tercinhos, umas fotos dele. Ele percebeu que, sobre a mesa, havia seis envelopes, mas sete pessoas. Aí ele disse: “Devo fazer uma coisa”

(devo fazer uma coisinha, em tradução livre). Em seguida, foi a um armário que tinha, abriu, ele mesmo pegou mais um envelope, trouxe e colocou na mesa. Era uma pessoa de profunda sensibilidade. Ali começou o nosso contato. Depois, convivi com ele no Rio de Janeiro, durante o tempo da jornada. Tivemos vários pontos pessoais e conversas. Nasceu uma simpatia recíproca, onde ele me chamava pelo nome, sempre que me encontrava, brincava.

Qual a importância dele ter sido o primeiro papa latino-americano?

O papa Francisco olhou para o mundo como um todo, principalmente para as periferias do mundo. É um papa que olhou para os problemas das periferias do mundo. Nesse sentido, olhou também para a América Latina. Olhou para África, olhou para a Ásia. Estava presente em seu pontificado as diretrizes do *Documento de Aparecida*. Em 2007, ocorreu em Aparecida do Norte

(SP), um encontro de bispos na América Latina e Caribe, onde ele foi o responsável pela equipe de redação. E dali nasceu aquele que se chama de *Documento de Aparecida*. Se nós olharmos as grandes linhas de seu pontificado, estão no *Documento de Aparecida*. Ele levou para a Igreja Universal a forma latino-americana de ser, de uma simplicidade maior, o acolhimento, o trato humano.

Especula-se que o próximo papa terá perfil conservador. O que o senhor acha?

Conhecendo um pouco o colégio cardinalício, acho que será alguém de perfil mais conciliador, mas alguém que seja pastor, que leve para frente uma Igreja evangelizadora, uma Igreja missionária. Eu torço por alguém que mantenha a Igreja próxima do povo. O papa Francisco falava que Jesus não exerceu o seu ministério de um escritório, mas no meio do povo. A igreja tem que levar o amor de Deus para as pessoas. Acho que a Igreja não pode abandonar esse caminho.

Qual a importância das redes sociais para um futuro papado?

Elas são fundamentais. O mundo hoje é o mundo da comunicação. Não tem mais como não se comunicar. A comunicação fez do mundo uma grande aldeia. A igreja tem que estar no mundo, tem que fazer com que o evangelho fale. As imagens falam. Eu acho que o Papa Francisco fez isso muito bem. Foi um homem que não se escondia. Até a doença vinha sendo comunicada. Quem não se lembra daquela imagem do papa subindo sozinho na praça São Pedro, durante a pandemia? Como aquilo consolou todos nós que estávamos enclausurados nas nossas casas: o papa rezando, papa diante do crucifixo, e pedindo pela humanidade. Essa imagem rodou o mundo.

Pontificado marcado pela acolhida

» FERNANDA STRICKLAND

Desde que foi eleito em 13 de março de 2013, o papa Francisco marcou profundamente a história da Igreja Católica. Primeiro pontífice latino-americano e o primeiro jesuíta a ocupar o trono de Pedro, Jorge Mario Bergoglio trouxe uma nova perspectiva ao Vaticano, com foco na simplicidade, no diálogo inter-religioso, na justiça social e na ecologia. Seu papado tem sido um divisor de águas, tanto pela forma como conduz a Igreja quanto pelas mudanças que promove.

A primeira viagem internacional de Francisco foi justamente ao Brasil, em julho de 2013, apenas quatro meses após sua eleição. O motivo foi a Jornada Mundial da Juventude, realizada no Rio de Janeiro. Durante o evento, o papa cativou milhões de fiéis com sua

simplicidade e mensagens de esperança, humildade e compromisso com os mais pobres. Em sua passagem, também visitou a comunidade de Varginha, no Complexo de Manguinhos, e o Santuário de Aparecida, reafirmando sua conexão com as periferias e com a religiosidade popular brasileira.

Esta foi a única viagem ao Brasil, como papa. Havia estado em 2007, para participar da 5ª Conferência Geral do Episcopado, em Aparecida. Apesar de não ter voltado ao país, o Brasil estava sempre presente em seus discursos, principalmente quando abordava temas como justiça social, desigualdade e proteção da Amazônia.

Segundo o historiador Sérgio Coutinho, professor de história da igreja no Instituto São Boaventura de teologia, “a marca do papa Francisco é justamente uma atuação voltada para a

sociedade, voltada para o mundo e não voltada para dentro dos problemas internos da Igreja”. Para ele, Francisco foi radical “no sentido de seguir quase objetivamente o próprio evangelho”, surpreendendo muitos setores conservadores ao pedir uma Igreja “em saída”, que vá ao encontro das periferias — tanto geográficas quanto existenciais.

Francisco recusou-se a morar no Palácio Apostólico e optou por viver na Casa Santa Marta, dentro do Vaticano, em contato direto com pessoas comuns. “Ele participava dos almoços, jantares com a própria comunidade, tinha uma vida simples, abandonando todas as indumentárias e práticas tradicionais de poder. Isso já revela um legado profundo”, destaca Coutinho.

Ele recorda que a sua opção pelos pobres e pela periferia não

foi apenas simbólica. “Ele abre as portas e pede uma igreja que vá ao encontro do outro”, resume Coutinho. “Faltava alegria da Igreja para anunciar esse evangelho, e não caras feias, caras amarradas, com o peso das normas e das regras.”

Misericórdia

O padre Júlio Lancellotti, referência no trabalho com pessoas em situação de rua em São Paulo, definiu o papa Francisco como “o grande sinal do amor de Deus”. Em entrevista à GloboNews, afirmou: “Se nós tivéssemos que dar um título a ele seria ‘Francisco, o misericordioso’. Isso é o que marca o papa Francisco: o amor aos pobres, aos imigrantes, aos refugiados, aos grupos rejeitados, à comunidade LGBTQIA+, às pessoas em situação de rua”.

Vatican News



O almoço com pessoas em vulnerabilidade tornou-se uma tradição